

HABERMAS E PAULO FREIRE: referenciais teóricos para o estudo da comunicação em enfermagem

Liliana Muller LAROCCA^a
Verônica de Azevedo MAZZA^a

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as idéias de Jürgen Habermas e de Paulo Freire sobre o diálogo como um fenômeno humano fundamental, dados sobre suas trajetórias de vida, aproximações ideológicas ao situar o humano através da história e sua relevância como referenciais teóricos para o estudo da comunicação no processo de trabalho do enfermeiro.

Descritores: enfermagem; comunicação; pesquisa em enfermagem; relações enfermeiro-paciente.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es presentar las ideas de Jürgen Habermas y Paulo Freire sobre el diálogo como un fenómeno humano fundamental, datos sobre sus trayectorias de vida, acercamientos ideológicos al situar el humano a través de la historia y su relevancia como referenciales teóricos para el estudio de la comunicación en el proceso de trabajo del enfermero.

Descriptores: enfermería; comunicación; investigación en enfermería; relaciones enfermero-paciente.

Title: Habermas y Paulo Freire: referenciales teóricos para el estudio de la comunicación en enfermería

ABSTRACT

The present work has the objective of introducing the ideas of Jürgen Habermas and Paulo Freire about the dialogue as a fundamental human phenomenon, data on their trajectories of life, ideological approaches when locating the human being through history and their relevance as theoretical referrals for the study on communication in the process of the nurse's work.

Descriptors: nursing; communication; nursing research; nurse-patient relations.

Title: Habermas and Paulo Freire: theoretical referrals for the study on communication in nursing

^a Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná, UFPR, e Membro do Grupo de Estudos de Metodologia da Assistência, GEMA.

1 INTRODUÇÃO

A Enfermagem é uma profissão que atua diretamente com seres humanos e converge suas ações sobre eles, visando ao enfrentamento de problemas. Isto somente ocorrerá se os atores deste cenário agirem como sujeitos de sua própria vida e, para tanto, adquirirem consciência da ampla tessitura social na qual estão inseridos⁽¹⁾.

Para a Enfermagem, o ser humano não é apenas um produto biológico, mas um agente no processo saúde-doença, um ator social: aquele que vive sua história concreta tendo suas condições de vida determinadas socialmente.

Isso corrobora o que afirma Paulo Freire⁽²⁾, para quem os seres humanos transcendem o biológico, pois são seres histórico-sociais, capazes de dentro de sua individualidade, comparar, valorar, escolher e decidir.

Todo ser humano só existe inserido num contexto concreto, assim o compromisso social do ator social-enfermeiro é humanizado pela responsabilidade histórica e pelo engajamento com a realidade que, segundo Paulo Freire⁽³⁾, tem sua verdade na solidariedade.

Segundo Berlinguer⁽⁴⁾, o processo saúde-doença é um fenômeno intimamente ligado à vida privada do ser humano, mas esse somente poderá conhecer suas possibilidades de vida tornando-se consciente das possibilidades de todas as pessoas que vivem nas mesmas circunstâncias que ele.

Paulo Freire⁽⁵⁾ ressalta ainda que devemos investigar mulheres e homens, não como peças anatômicas, mas sim, seu pensamento-linguagem no que se refere à realidade, seus níveis de percepção quanto a ela e sua visão de mundo.

Ao tomarmos ciência da realidade vivenciada pelos profissionais enfermeiros, percebemos a importância de refletir sobre a comunicação entre os atores sociais e seu compromisso ao compartilhar o cenário da assistência à saúde no país, o que pode ser entendido como um processo de relações

individuais, sociais e políticas no qual, atores sociais com perspectivas distintas cruzam suas trajetórias.

Segundo Paulo Freire⁽⁵⁾ a comunicação/diálogo ocorre entre aqueles atores sociais que não renegam uns aos outros o direito a suas próprias palavras, pensamentos e decisões.

A relação estabelecida entre os atores sociais que interagem durante um cuidado de enfermagem e seus respectivos compromissos sociais deve ser exercida dentro de um agir comunicativo; esse segundo Habermas⁽⁶⁾, é um processo circular no qual um ator social é simultaneamente iniciador e produto do seu agir.

2 O MUNDO DE HABERMAS

Jürgen Habermas (1929-), filósofo alemão pertencente à chamada segunda geração da Escola de Frankfurt, foi assistente de Theodor Wieselgrund Adorno entre 1956 e 1959. Adorno foi um dos fundadores da Escola de Frankfurt que, juntamente com Max Horkheimer, desenvolveu uma teoria crítica da sociedade industrial e de sua cultura, denunciando, sobretudo a ideologia da dominação da natureza pela técnica, trazendo como consequência à dominação do próprio homem, que se vê convertido em escravo dessa técnica, pela utilização da racionalidade científica⁽⁷⁾. Habermas realizou sua formação universitária no período de redemocratização da Alemanha, logo após o término da Segunda Guerra Mundial. Em 1968 transferiu-se para a Universidade de Nova Iorque sendo, atualmente, professor da Universidade de Frankfurt⁽⁸⁾.

A obra de Habermas desenvolve-se na perspectiva da teoria crítica da sociedade e sua teoria pretende ser uma revisão e uma atualização do marxismo, capaz de dar conta das características do capitalismo da sociedade industrial contemporânea⁽⁹⁾.

Segundo Habermas, o desenvolvimento técnico-científico e sua aplicação na sociedade resultaram em uma razão instrumental que

visa ao estabelecimento de meios para se alcançar um fim determinado. Nesse sentido, a proposta de Habermas é uma teoria da ação comunicativa segundo a qual o agir comunicativo possibilita uma interação plena entre os seres humanos, substituindo as relações assimétricas que a impedem⁽¹⁰⁾.

O agir comunicativo pode ser compreendido como um processo circular, no qual o ator é ao mesmo tempo o iniciador que domina as situações por meio de ações e produto das tradições nas quais se encontra, dos grupos aos quais pertence e dos processos de socialização nos quais se cria⁽⁶⁾.

De acordo com Habermas⁽⁶⁾, os participantes da comunicação baseiam seus esforços de entendimento mútuo num sistema de referências composto de três mundos:

O mundo objetivo: onde acontece a representação ou pressuposição de estados e acontecimentos é o celeiro ou armazém de saber e conhecimento, do qual os participantes da comunicação extraem suas interpretações.

O mundo social: onde ocorre a produção ou renovação de relações interpessoais, nele incluem-se as ordens legítimas e a regulamentação da participação dos atores sociais em grupo sociais distintos;

O mundo subjetivo: local da manifestação de vivências e da auto-representação onde são configuradas as competências de participação no processo comunicativo e a afirmação da identidade dos atores sociais

A interação entre esses três mundos leva os participantes da situação de comunicação ao entendimento, ou seja, ao Mundo da Vida, que constitui o contexto ou lugar onde se formam os processos de entendimento e onde os participantes da comunicação se movimentam.

Para realizar uma caracterização simbólica desses mundos, Siebeneichler⁽¹¹⁾ exemplifica-os da seguinte maneira: Mundo Objetivo, como cultura, Mundo Social, como sociedade e Mundo Subjetivo, como personalidade, todos se referenciando para a composição do Mundo da Vida.

Se entendermos o agir em geral como um dominar de situações, o agir comunicativo extrai dele, sobretudo, o entendimento⁽⁶⁾. A situação de ação comunicativa é, ao mesmo tempo, uma situação de ação e linguagem, na qual os atores sociais assumem alternadamente os papéis comunicacionais de atuantes, falantes, destinatários e pessoas presentes.

Para Habermas⁽⁶⁾, o agir comunicativo se efetuará quando atores sociais harmonizarem internamente seus planos de ação e perseguirem suas respectivas metas. A condição é a existência ou a negociação de um acordo sobre a situação e também sobre as possíveis consequências esperadas pelos diversos atores sociais envolvidos.

O agir estratégico, quando relacionado ao papel do Estado e dos profissionais de saúde no controle dos agravos à saúde, apresenta-se orientado para o êxito (dados estatísticos favoráveis), com a utilização de seduções (propaganda efetuada) e coordenação da ação por meio de ganhos, situações que afastam, em vários momentos a assistência prestada do agir comunicativo, que enfatiza o entendimento, a harmonização dos planos de ação e a perseguição de metas sob a condição obrigatória de um acordo entre os atores sociais.

Se nós, enfermeiros, orientamos nossas ações pautadas somente no agir estratégico, voltadas imediatamente para um sucesso numérico e visando à execução de planos de ação previamente determinados, certamente nos depararemos com a falta de entendimento⁽¹⁰⁾.

O agir comunicativo deve ser entendido como um mecanismo de coordenação da ação em que a orientação preferencial é o entendimento⁽¹²⁾.

O relacionamento assimétrico e a desvalorização dos seres humanos envolvidos em processos comunicacionais emergem em situações nas quais o Mundo Objetivo e o Mundo Subjetivo encontram-se suplantados pelo Mundo Social⁽¹²⁾.

Segundo Habermas⁽⁶⁾, os participantes da comunicação precisam ter competência para adotar, se necessário, uma atitude objetivante (em face ao estado das coisas existentes), uma atitude conforme as normas (em face das relações interpessoais legitimamente reguladas) e uma atitude expressiva (em face das próprias vivências), variando conforme a utilização dos Mundos: Objetivo, Social e Subjetivo. A consequência dessas atitudes competentes é o agir comunicativo.

3 O MUNDO DE PAULO FREIRE

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no Recife/Pernambuco no dia 19 de setembro de 1921. Começou a cultura da palavra orientado pela mãe, escrevendo com gravetos no chão do quintal da casa onde nasceu⁽¹³⁾.

Aos dez anos de idade foi morar em Jaboatão, cidade localizada a 18 quilômetros do Recife. Foi lá, aos 13 anos, que experimentou a dor da perda de seu pai, conheceu os prazeres de conviver com amigos solidários e viu sua mãe lutar pelo sustento da família. Aos 22 anos ingressou na Faculdade de Direito do Recife, fazendo essa opção por não haver em Pernambuco curso superior de formação de educador.

Paulo Freire foi exilado pelo governo militar em 1964, passando setenta e cinco dias na prisão. Foi para a Bolívia, ficando ali alguns dias, dirigindo-se então para o Chile, onde viveu de 1964 a 1969. Neste mesmo ano foi, como professor convidado, para Harvard (Massachusetts - EUA). Em seguida (1970) foi para Genebra (Suíça) ser consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas; assim, como gostava de dizer, **andarilhou** pela África, Ásia, Oceania e América (com exceção do Brasil), completando dezesseis anos de exílio⁽¹³⁾.

Voltou de fato ao Brasil em junho de 1980, quando se tornou professor da Universidade de Campinas – UNICAMP, lecionando até o final do ano letivo de 1990, quando transferiu-se para a USP/São Paulo⁽¹³⁾.

Faleceu em 2 de maio de 1997, deixando, conforme as palavras de Gadotti, “uma vida de ternura, de doçura, de coerência e de luta”^(13:4).

Segundo Gadotti⁽¹³⁾, o pensamento de Paulo Freire, mais que um método de alfabetização de adultos, é uma Teoria do Conhecimento, uma Filosofia da Educação.

Percebemos na Filosofia de Paulo Freire a existência de um caminho pelo qual é possível percorrer um trajeto de libertação e conscientização dos seres humanos, essência do processo de trabalho do enfermeiro, levando-nos a um agir consciente sobre a realidade objetivada, ou seja: ação – reflexão sobre o mundo onde vivemos e trabalhamos⁽¹⁰⁾.

As idéias de Paulo Freire⁽¹⁴⁾ sugerem a interposição de educação e investigação temática (similar ao processo de trabalho do enfermeiro) como diferentes momentos do mesmo processo, no qual são desenvolvidas seis **idéias-força**:

a) 1ª idéia-força: toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o ser humano concreto e de uma análise do meio de vida desse ser humano;

b) 2ª idéia-força: o ser humano chega a ser sujeito refletindo sobre sua situação e sobre seu ambiente concreto;

c) 3ª idéia-força: o ser humano, integrado em seu contexto, reflete sobre o mesmo e se compromete, constrói a si mesmo e chega a ser sujeito. Precisamente por ser humano, é capaz de reconhecer que existem realidades que lhe são exteriores e descobrir que não está somente na realidade, mas também com ela. A relação do ser humano com a realidade é um desafio a que ele responde originalmente;

d) 4ª idéia-força: o ser humano, integrando-se às condições de seu contexto de vida, reflete e responde aos desafios que se apresentam, cria cultura. Aqui a cultura é considerada todo resultado de atividade, do esforço criador e recriador do ser humano, de seu trabalho para transformar e estabelecer relações de diálogo;

e) 5ª idéia-força: além de criador de cultura, o ser humano é também “fazedor” de história, pois na medida em que cria e decide, as épocas vão formando-se e reformando-se. A história é uma cadeia contínua de épocas caracterizadas por aspirações, necessidades, valores e temas em processo de realização. Descobrir e reconhecendo esses temas o ser humano participa de sua época;

f) 6ª idéia-força: é preciso que a ação educativa, em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos, permita ao ser humano construir-se como pessoa transformadora do mundo, estabelecer relações de reciprocidade, fazer cultura, história, enfim, chegar a ser sujeito por meio da conscientização.

4 HABERMAS E PAULO FREIRE: mundos interligados pela comunicação

Essas duas figuras humanas cujos escritos clarearam muitas de nossas indagações e conflitos, possuem semelhanças, que em vários momentos nos fizeram entendê-los como parte de um mesmo mundo.

A linguagem como veículo para delinear, ajudar, destruir, informar, ensinar e construir nossas vidas e nossa identidade é uma situação amplamente referenciada nas obras de Habermas e Paulo Freire. Segundo McLaren e Silva⁽¹⁶⁾, a linguagem tem papel constituinte na construção social da realidade.

Habermas e Paulo Freire também se aproximam quando localizam o ser humano no centro de suas reflexões; são, portanto, humanistas. Humanismo é situar o humano através da história, gerando sua própria e singular natureza⁽¹⁵⁾.

Segundo Rivera⁽¹²⁾ a ação transformadora de Habermas baseia-se no Humanismo e Paulo Freire, ao entender o ser humano como criador de seu próprio ser utiliza as mesmas bases de pensamento.

Durante seu exílio, Paulo Freire teve contato próximo com a obra de vários filósofos europeus, entre os quais se destacam Gramsci, Kosik e o próprio Habermas⁽¹³⁾.

Segundo Moreira são evidentes as semelhanças entre a educação libertadora de Paulo Freire e o interesse emancipatório de Habermas:

Primeiramente, os dois autores relacionam discurso com liberdade e consideram o diálogo como um fenômeno humano fundamental. Em segundo lugar, ambos desejam que as pessoas reflitam sobre suas experiências e compreendam que há outras explicações, além daquelas do senso comum, que permitem entender mais profundamente as causas de situações de opressão. Finalmente, os dois vêem emancipação como conquista social e não individual, o que significa reconhecer a indissolubilidade da emancipação coletiva e individual^(17:130).

Habermas e Paulo Freire desenvolvem propostas de ações comunicativas que são profundamente interligadas, motivo pelo qual compreendemos a necessidade de conhecer o papel da comunicação nas relações humanas e consequentemente no Mundo da Enfermagem.

É com essa infinita versatilidade que a comunicação permeia todas as relações estabelecidas durante o encontro dos atores sociais.

Essa união de mundos, para nós é inter-relacional e também um momento de construção de um caminho para qualquer ação comunicativa entre seres humanos, no qual a ética é condição essencial.

Existe também a polissemia da palavra comunicação, dividida entre: lazer, trabalho, espetáculo e cotidiano; dividida entre visões culturalistas e tecnicistas; oscilando entre uma acepção mais restrita à área de competência dos meios de comunicação de massa e uma definição como princípio de organização das sociedades modernas⁽¹⁸⁾.

Assim sendo, para analisar a trajetória da comunicação no Agir Comunicativo de Habermas e na Teoria do Conhecimento de Paulo Freire, a reconhecemos como “um conceito que somente pode ser analisado sob o signo da cultura, cultura entendida como me-

mória coletiva que torna possível a comunicação entre os membros de uma coletividade historicamente situada”^(18:288).

Segundo Minayo⁽¹⁹⁾, Habermas coloca como fundamento da comunicação as relações sociais historicamente dinâmicas, antagônicas e contraditórias entre classes, grupos e culturas, nas quais a linguagem possibilita, mas também dificulta a comunicação. E é com essa mesma infinita versatilidade que a comunicação permeia todas as relações estabelecidas durante o encontro dos seres humanos.

Para Bordenave⁽²⁰⁾ a comunicação é um processo natural, uma arte, uma tecnologia, uma situação e uma ciência social. Pode ser um instrumento de legitimação de estruturas sociais e de governos, como também a força que os contesta e transforma. Ela pode ser veículo de auto-expressão de relacionamento entre as pessoas, mas também pode ser útil recurso de opressão psicológica e moral. A comunicação excita, ensina, vende, distrai, entusiasmo, dá *status*, constrói mitos, destrói reputações, orienta, desorienta, faz rir, faz chorar, inspira, narcotiza, reduz a solidão e – num paradoxo digno de sua infinita versatilidade – produz até incomunicação.

Enfatizando que a comunicação significa co-participação dos sujeitos no ato de pensar e que o conhecimento se constrói por meio das relações entre atores sociais e o mundo, Paulo Freire⁽²¹⁾ define comunicação como a situação social em que as pessoas criam conhecimento juntas, ao invés de transmiti-lo. A comunicação é uma interação entre sujeitos iguais e criativos, devendo estar fundada no diálogo. Esse diálogo-comunicação não significa invadir, manipular ou criar *slogans*, mas sim, trabalhar permanentemente para a transformação da realidade.

Nas obras de Bordenave o diálogo e o entendimento encontram-se questionados e analisados profundamente e sua visão a respeito da comunicação está em consonância com as idéias de Habermas, Paulo Freire e, conseqüentemente, com o caminhar dos enfer-

meiros na construção de seu processo de trabalho. Sob essa perspectiva, os enfermeiros devem observar, sentir, sofrer influências, desvendar e acompanhar a comunicação.

Segundo Habermas⁽²²⁾ vários fatores não são contemplados quando enfatizamos unicamente a técnica, pois ela não se utilizado mundo dos fenômenos únicos, contemplados pelos Mundos Objetivo, Social, Subjetivo mas sim, do mundo da regularidade quantificada.

Portanto, para subsidiar seu agir, a Enfermagem deve buscar elementos das ciências sociais, usando o instrumento que Stotz⁽¹⁾ define como imaginação sociológica. Essa imaginação é a qualidade de saber relacionar a vida dos indivíduos (suas experiências, valores e expectativas) com o tempo histórico da sociedade.

Precisamos estar sensibilizados sobre a importância da comunicação no processo de cuidar para desenvolver uma Enfermagem mais humanizada, de maneira a transformar essa relação enfermeiro-paciente numa relação de cuidado, na qual exista uma comunicação efetiva⁽²³⁾.

O processo de trabalho do enfermeiro transcende a simples utilização correta de técnicas e amplia o cuidado para além do quantificável, tornando-o um processo comunicativo, em que relações éticas possibilitam ao cidadão a adoção de um comportamento saudável e o acesso consciente a um direito conquistado⁽¹⁰⁾.

Nosso trabalho é desempenhado por e para atores sociais, na qual a conjugação entre o saber histórico e as experiências individuais permitirem o diálogo e o desenvolvimento de relações pessoais, políticas, éticas e educativas permeadas pelas relações científicas, e não por elas suplantadas.

Ao atuarmos nos diversos cenários como atores sociais, produziremos um encontro dinâmico entre as mulheres e homens que ali circulam, embasado no agir comunicativo, gerador de entendimento e capaz de transformações sociais.

O início de uma nova caminhada é aqui vislumbrado: a construção de uma Metodologia da Assistência de Enfermagem baseada num transitar de mundos nos quais história, linguagem, cultura, trabalho, personalidade, diálogo e comunicação compõem uma estrutura sólida para o agir comunicativo e para a emancipação humana.

REFERÊNCIAS

- 1 Stotz EN. Enfoque sobre educação e saúde. In: Valla VV, Stotz EN, organizadores. Participação popular, educação e saúde: teoria e prática. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1993. 164 p. p.16-26.
- 2 Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 1998. 165 p.
- 3 Freire P. Educação e mudança. 22ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1998. 79 p.
- 4 Berlinguer G. A doença. In: A doença como sinal. São Paulo: HUCITEC; 1988. 150 p. p. 94-119.
- 5 Freire P. Pedagogia do oprimido. 26ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 1999. 184 p.
- 6 Habermas J. Consciência moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Universitário; 1989. 236 p.
- 7 Japiassu H, Marcondes D. Dicionário básico de filosofia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1998. 296 p. Frankfurt, escola de; p. 112.
- 8 Habermas J. In: Benjamin W, Horkheimer M, Adorno TW, Habermas J. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural; 1980. 343 p. il. p. vii-xxiii. (Os pensadores).
- 9 Japiassu H, Marcondes D. Dicionário básico de filosofia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1998. 296 p. Habermas J; p. 121.
- 10 Larocca LM. O agir comunicativo na sala de vacinas: saberes e fazeres necessários à prática de Enfermagem [dissertação de Mestrado]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2000. 102 f.
- 11 Siebeneichler FB. Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1994. 181 p.
- 12 Rivera FJU. Agir comunicativo e planejamento social: uma crítica ao enfoque estratégico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 1995. 213 p.
- 13 Gadotti M, organizador. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez; 1997. 765 p.
- 14 Freire P. Conscientização: teoria e prática da liberdade. São Paulo: Moraes; 1980. 120 p.
- 15 Japiassu H, Marcondes D. Dicionário básico de filosofia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1998. 296 p. Humanismo; p. 132.
- 16 McLaren P, Silva TT. Descentralizando a pedagogia: alfabetização crítica, resistência e política da memória. In: McLaren P, Leonard P, Gadotti M, organizadores. Paulo Freire: poder, desejo e memórias da libertação. Porto Alegre (RS): ARTMED; 1998. 212 p. p.35-75.
- 17 Moreira AFB. Currículos e programas no Brasil. 4ª ed. São Paulo: Papirus; 1999. 130 p.
- 18 Mattelart A. Comunicação mundo: história das idéias e das estratégias. 3ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1999. 320 p.
- 19 Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6ª ed. São Paulo: HUCITEC; 1999. 269 p.
- 20 Bordenave JED. Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 3ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1998. 119 p.
- 21 Freire P. Extensão ou comunicação. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1992. 93 p.
- 22 Habermas J. Técnica e ciência como ideologia. Lisboa: Edições 70; 1968. 147 p.

- 23 Mazza VA. A comunicação não verbal como forma de cuidado de Enfermagem: ensino e prática [dissertação de Mestrado]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 1998. 70 f.

Endereço da autora/Athor's address

Liliana Muller Larocca
Universidade Federal do Paraná
Departamento de Enfermagem
Rua Padre Camargo, 120
80.060-240, Curitiba, Paraná

Recebido em: 14/05/2003

Aprovado em: 09/08/2003
